

GT38: Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Vi Grunvald, Glauco Ferreira

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalho da RBA e da RAM e em Simpósios Temáticos do Encontro Anual da ANPOCS, esta proposta tem como foco práticas e sujeitos sociais que operam nos interstícios entre arte e política. No cenário antropológico contemporâneo, são constantes as investigações que buscam analisar ações sociais que se processam através de imagens, sons, materialidades, objetos, performances e formas expressivas que, não raro, se coadunam em processos de organização coletiva e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo de agências que são, simultaneamente, artísticas e políticas. Por outro lado, pelo menos desde os anos 2000, tem se intensificado, em nossa disciplina, o que podemos caracterizar como "virada artística" e que aponta para uma aproximação entre arte e antropologia do ponto de vista de suas práticas e fazeres, enfatizando novos caminhos etnográficos possíveis para exprimir os resultados de nossas pesquisas, bem como atentando para outras possibilidades metodológicas de construção das mesmas. Nesse sentido, buscamos acolher tanto pesquisas que, ao se debruçarem sobre o campo artístico, enfatizam suas potencialidades políticas (e vice-versa) quanto aquelas nas quais o fazer etnográfico opera a partir de produções que mesclam antropologia e práticas artísticas.

Fricções e ficções de imagens no norte de Moçambique

Autoria: Eduardo Vargas

Resumo: Aberto na década de 1950, em pleno período colonial, um caminho de ferro corta o norte de Moçambique. De maneira intermitente por conta da guerra de Independência e da guerra dos 16 anos que a seguiu, ele conecta o oceano Índico, a leste, às férteis regiões de Cuamba e Lichinga, a oeste. Por ele passa há décadas um comboio que leva gente, sobretudo macuas, de Nampula a Cuamba. É o principal meio de transporte das pessoas e dos produtos de machamba entre os inúmeros povoados da região, a mais populosa do país. Este caminho de ferro foi refeito e estendido há uma década como parte de megaprojetos de exploração de carvão mineral e de agronegócio, que têm impactado severamente a região. Hoje é conhecido como o Corredor de Nacala. Este trabalho apresenta e discute imagens produzidas por diferentes agentes que cruzam este caminho de ferro, ou cujos caminhos este de ferro cruza, sejam elas feitas pelas instituições interessadas, sejam elas contrafeitas pelas populações envolvidas, numa particular guerra de imagens. Este trabalho também relata e discute experiências etnográficas em curso que envolvem a produção e a circulação de imagens fotográficas entre pessoas e instituições da região, notadamente a exposição fotográfica ?Olhos Passageiros ? Todos os Olhos? tal como ocorrida no início de 2020 no norte de Moçambique < https://youtu.be/U_7AaH3MbL0 >, quando foram expostas nas paredes externas dos vagões do comboio de passageiros uma centena e meia de retratos de utentes do mesmo comboio tirados em viagem realizada em 2016 e desta vez impressos e expostos em grande formato. Em todos os casos trata-se de saber o que (se) passa e o que não (se) passa nos caminhos que cortam de leste a oeste o norte de Moçambique; em que medida estes caminhos de gentes e entes se friccionam e se ficcionam reciprocamente, enfim, como transportar isso de um momento a outro, de um canto a outro, de uma associação a outra, de um mundo a outro reconhecendo e respeitando as armadilhas próprias aos modos de passagem, às palavras e às imagens, bem como aquelas que enredam quem as porta.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

